

**A ARQUEOLOGIA DA RELIGIÃO NÓRDICA NA ERA VIKING:
PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

**THE ARCHAEOLOGY OF NORSE RELIGION IN THE VIKING AGE:
THEORETICAL AND METHODOLOGICAL PERSPECTIVES**

Johnni Langer*
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O presente artigo realiza uma revisão conceitual, teórica e metodológica das investigações arqueológicas sobre o tema da religiosidade nórdica pré-cristã (séculos VIII a XI d. C.). Ao mesmo tempo, procuramos inserir esta revisão dentro dos debates teóricos da Arqueologia das Religiões em geral.

Palavras-chave: Escandinávia da Era Viking; Arqueologia das Religiões; Cultura material e religião medieval.

Abstract: This article provides a conceptual, theoretical and methodological review of archaeological research on the subject of pre-Christian Norse religion (A.D. 8th-11th centuries). At the same time, we try to insert this review within the theoretical debates of Archaeology of Religions in general.

Keywords: Viking Age Scandinavia; Archaeology of Religions; Material culture and medieval religion.

Recebido em: 28/04/2015
Aprovado em: 14/06/2015

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP. Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Coordenador do *Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos* (NEVE) e pesquisador do *Vivarium*: Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

Em nosso país a cultura material da religiosidade medieval ainda é um assunto pouco pesquisado, e se incluirmos a área nórdica, ela se torna ainda mais escassa. O objetivo principal desta revisão é poder proporcionar aos acadêmicos brasileiros um contato inicial com algumas das perspectivas teóricas dos principais investigadores do tema. Inicialmente realizaremos uma sistematização dos debates sobre a Arqueologia das Religiões, para em seguida desenvolver a sua aplicação temática nos estudos de religiosidade escandinava durante o final da Idade do Ferro até iniciado o processo de cristianização, já no século XI d. C.

1. A Arqueologia das Religiões

A temática religiosa não é uma novidade nos estudos arqueológicos. Desde o momento em que a Arqueologia se instituiu como disciplina autônoma na academia européia, ainda durante o século 19, a religião sempre ocupou espaço investigativo.¹ Mas não havia ainda uma preocupação teórica mais profunda com relação a vestígios religiosos. Em 1909, durante um congresso de Arqueologia no Egito, uma das sessões foi exclusivamente dedicada às discussões sobre o tema religioso nas escavações orientais, mas sem qualquer referencial teórico ou metodológico.² No início do século XX até meados da década de 1960, as interpretações religiosas sobre o passado humano, especialmente o pré-histórico, foram acometidas de análises fenomenológicas que começaram a beirar o fantástico, originando todo tipo de interpretações sem muito rigor acadêmico. Como reação a isso, em 1964 o arqueólogo francês André Leroi-Gourhan publicou uma importante obra avaliadora de todas estas perspectivas, *Les religions de la préhistoire* (As religiões da Pré-História). As principais conclusões do pesquisador foram a de que seria muito difícil estudar o comportamento religioso anterior ao Paleolítico; questiona o uso da magia e o totemismo em objetos materiais; somente a arte rupestre poderia sugerir simbolismos religiosos.³ E o mais importante: o autor procura criar um padrão interpretativo dos restos materiais que possibilitassem detectar a fronteira entre o seu uso cotidiano e simbólico, o que nem sempre é muito fácil para os arqueólogos.

¹ LANGER, Johnni. As origens da Arqueologia Clássica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, v. 9, p. 95-110, 1999.

² TOUTAIN, J. L'Archéologie religieuse. *Revue d'Histoire des Religions*, v. 59, p. 231-235, 1909.

³ LEROI-GOURHAN, André. *As religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 127-134.

Mais tarde, durante as décadas de 1970 e 1980 o britânico Colin Renfrew conduziu diversas escavações no templo de Phylakopi, na ilha de Melos, Grécia, concluindo que se tratou de um centro ritual. Criticando a postura tradicional da Arqueologia até aquele momento (em tratar qualquer objeto desconhecido e exótico como sendo “religioso”), Renfrew procurou criar um padrão metodológico mais rigoroso para separar os ritos religiosos dos ritos seculares a partir dos vestígios materiais. Baseado em uma perspectiva social das escavações, Colin Renfrew foi um dos primeiros a delimitar conceitos para estudos de campo, propondo indicadores arqueológicos para os rituais (foco de atenção do ritual; uma zona fronteira entre o mundo e o além mundo; a presença de deidades; participação e oferenda). E além disso aponta a iconografia como a mais promissora técnica para estudar antigos sistemas de fé.⁴

Entre 1984 e 1990, o espanhol Enrique Cerrillo iniciou uma série de reflexões teóricas, baseadas em suas experiências de campo. Influenciado por referenciais sociológicos e evolutivos, Cerrillo considerou que não seria possível, a princípio, separar a religião antiga de outras atividades como economia, política e ideologia, o que refletiria nos usos de objetos cotidianos recuperados pela pesquisa arqueológica. Para ele, somente com o surgimento de monumentos demarcadores do ritual - os santuários - é que se poderia separar as áreas sagradas das áreas seculares. Assim, os santuários funcionariam como hierarquizadores dos espaços internos das comunidades antes mesmo do surgimento do Estado.⁵ Seguindo esta perspectiva, Lourdes Torreira analisou santuários pré-históricos ibéricos, procurando construir uma visão sistemática, metodológica e ao mesmo tempo teórica sobre a religiosidade nestes locais. E influenciada por Cerrillo e Colin Renfrew, conclui que os santuários funcionavam além de centros religiosos também como locais com funções econômicas, culturais e políticas, além de conchamar o surgimento de uma disciplina específica a estas abordagens: a Arqueologia do ritual.⁶

As reflexões de Colin Renfrew também repercutiram ainda nesta mesma década na academia francesa. Em um artigo pioneiro de 1988, o arqueólogo Robert Laffineur

⁴ RENFREW, Colin. The archaeology of religion. In: RENFREW, C. & ZUBROW, E. (Eds). *The Ancient Mind: elements of cognitive archaeology* (news directions in archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 47-54.

⁵ CERRILLO, Enrique. Arqueología de las religiones primitivas y arqueología de las religiones organizadas: una reflexión. *Zephyrus* v. 18, p. 189-192, 1990.

⁶ TORREIRA, Lourdes. Los santuario ibéricos: apuntes para el desarrollo de una arqueología del culto. *Trabajos de Prehistoria* v. 51, p. 127-140, 1994.

discutiu as principais problemáticas que existiam neste período envolvendo os métodos da nova disciplina, mas utilizando especialmente suas experiências em templos da Grécia clássica. Entre as suas considerações, destacam-se a relação entre as fontes escritas e a falta de dados materiais e os próprios limites da interpretação arqueológica (a incapacidade dos vestígios em exprimirem crenças humanas). Além de uma excessiva hierarquização interpretativa dos objetos (tendo sempre a morfologia e a tecnologia como princípio), a interpretação histórica evolutiva também é criticada pelo autor e exemplificada com a idéia de uma divindade primitiva da fertilidade no mundo mediterrânico e a posterior introdução de deuses uranianos pelos indo-europeus. Ainda utilizando as problematizações de Renfrew, o arqueólogo francês discute em como relacionar os objetos materiais a um ritual específico e a superioridade das fontes iconográficas como via de acesso para a vida religiosa, os gestos e as cerimônias.⁷

Neste mesmo momento, os acadêmicos franceses iniciam reflexões teóricas sobre as suas experiências efetuadas sobre temas religiosos na Arqueologia Medieval. Em um balanço crítico sobre a disciplina nos últimos quarenta anos de pesquisa na França, André Debord salienta a importância de escavações em sepultura gaulesas e germânicas, mas especialmente, o estudo de edifícios religiosos entre os séculos X a XV d. C. Denominando esta sub-área como *Archéologie religieuse*, aponta a topografia e a história da paisagem como principais técnicas para as novas pesquisas.⁸

Pouco depois, em 2000, o arqueólogo John Scheide publica um estudo teórico e metodológico na prestigiada revista *Annales*. Em primeiro lugar, o acadêmico discute as limitações da Arqueologia perante outras disciplinas, como a História, no tocante as fontes e suas interpretações para o estudo da religiosidade. Utilizando principalmente as vastas pesquisas produzidas sobre a religião dos gauleses, Scheide discute a utilização em campo de outras disciplinas, como a arqueozoologia, antropologia e arqueobotânica, revelando aspectos poucos conhecidos sobre a prática religiosa – especialmente os ritos funerários, que dominam muitas escavações na França, atrelados ao sub-campo da

⁷ LAFFINEUR, Robert. Archéologie et religion: problèmes et méthode. *Kernos* v. 1, p. 129-140, 1988.

⁸ DEBORD, André. L'archéologie médiévale. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*. 20e congrés, Paris, p. 219-245, 1989.

Arqueologia da Morte.⁹ Assim, por exemplo, o estudo do simbolismo de certo vaso funerário pode auxiliar a determinar a posição social do indivíduo enterrado, concedendo novo entendimento sobre a relação entre banquete, sacrifício e religião no mundo antigo. E a análise de certos tipos de ossos animais propiciaria maiores aprofundamentos sobre os ritos alimentares. O autor conclui o seu estudo apontando as análises comparativas e da micro-História como essenciais para interpretações de temas religiosos convergentes e divergentes no mundo antigo.¹⁰

A partir da década de 2000 iniciam-se uma série de publicações, tanto artigos quanto coletâneas em língua inglesa, sobre perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas nos estudos de Arqueologia das Religiões, demonstrando um maior amadurecimento da disciplina. Especialmente dois acadêmicos vão capitanear esses debates: Timothy Insoll (Universidade de Manchester) e Lars Fogelin (Universidade do Arizona).

Em seu primeiro artigo de 2001, Insoll inicialmente conclama a investigação das religiões com as novas perspectivas da Arqueologia (como o método cognitivo), equilibrando este tema com o estudo da organização social. A possibilidade de abordagens mais genéricas do que apenas estudos de caso poderiam facilitar as reflexões conceituais, escapando da predominância das pesquisas em torno da Pré-história e utilizando a perspectiva dos estudos das então denominadas religiões mundiais (como o Islamismo, Budismo, Cristianismo, etc). Aqui é evidente que o autor ressenete-se da falta

⁹ A Arqueologia da Morte é tanto um campo dentro dos estudos de Arqueologia das Religiões, quanto uma disciplina autônoma. O arqueólogo Timothy Taylor discutiu algumas de seus conceitos e pressupostos metodológicos no capítulo “Death” na coletânea INSOLL, Timothy (ed.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of ritual and religion*. Oxford: Oxford Press, 2012, p. 89-104, mas ao mesmo tempo, ela recebeu uma sistematização própria um ano depois pela mesma universidade: STUTZ, Liv Nilson (org.), TARLOW, Sarah (org.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of death and burial*. Oxford: Oxford Press, 2013. Os funerais nórdicos são um tema importante nos estudos teóricos da Arqueologia da Morte, como verificamos na introdução do livro PEARSON, Mike Parker. *The Archaeology of death and burial*. London: Sutton Publishing, 1999, p. 1-3. Um bom exemplo da preponderância temática dos temas funerários na Arqueologia medieval francesa é o estudo de SÉGUY, Isabelle, SIGNOLI, Michel. Quand la naissance côtoie la mort: pratiques funéraires et religion populaire em France au Moyen Âge et l'époque moderne. *Castello: Servei d'investigacion arqueologiques i prehistoriques*, p. 497-512, 2008.

¹⁰ SCHEIDE, John. Por une archéologie du rite. *Annales* v. 55, p. 615-622, 2000. Alguns anos depois, o mesmo arqueólogo publicou um livro reunindo vinte estudos temáticos na arqueologia da religião romana, envolvendo sítios da Inglaterra, Bélgica gaulesa e Itália. A abordagem interdisciplinar continua sendo a tônica de seus estudos, especialmente a utilização da Antropologia social, compensando a falta de dados na literatura clássica sobre os rituais e se concentrando na materialidade dos cultos fúnebres. BERNIER-FARELLA, Hélène. Por une archéologie du rite: nouvelles perspectives de l'archéologie funéraire, études réunies par John Scheid. *Revue de l'histoire des religions* v. 3, p. 439-442, 2011.

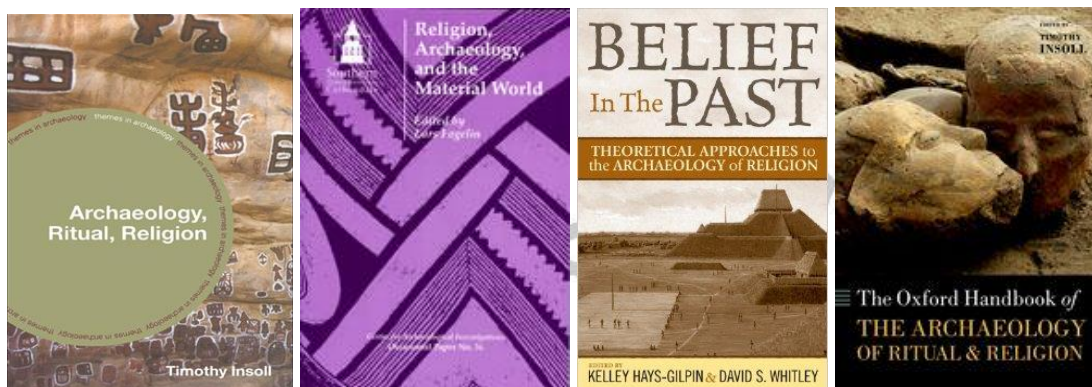
de uma teoria abrangente ou de larga escala na academia. Insoll também sumariza algumas questões envolvendo a influência dos tradicionais historiadores das religiões (como Rudolf Otto e Mircea Eliade) nas pesquisas arqueológicas – especialmente a questão do numinoso, mas criticadas por não serem vinculadas às evidências materiais. Outro ponto abordado são as interferências confessionais em certos temas de pesquisa, como as investigações da Arqueologia Bíblica – o uso negativo da Arqueologia para fundamentar suas crenças pessoais ou referenciais teológicos, tendo como exemplo o clássico *E a Bíblia tinha razão* (1965) de Werner Keller, ou ainda, as escavações efetuadas em Israel com intenções político-nacionalistas.¹¹ Mas também aponta usos positivos entre os pesquisadores, como nos casos de heresias, tradições sincréticas e religião popular recuperados pela Arqueologia Medieval.¹²

O mesmo autor aprofunda os debates no livro *Archaeology, ritual, religion* de 2004, sendo que uma das suas críticas iniciais é a redução da religião na literatura arqueológica como mero produto ideológico, supostamente de importância menor que a tecnologia, a demografia e a economia. A grande maioria dos manuais omitiu a religiosidade como conceito primordial, com exceção de alguns como *Archaeology*, organizado por Renfrew e Bahn em 2000. Insoll continua a insistir numa metodologia crítica nos estudos de religião, que não sirvam como promotoras de uma ideologia religiosa nem teológica, mas que não se reduzam ao excesso cético, que aponta a religião como um ópio das massas. Ele também reflete alguns casos temáticos, baseado em três categorias: religiões nativas ou tradicionais, pré-históricas e mundiais. Na seção de definições, Insoll critica o uso de termos comuns como espiritual e espiritualidade, mas também considerando que os termos culto e magia são pouco debatidos, apesar do seu uso freqüente. A principal contribuição desta publicação é tentar tratar a religião como um elemento fundamental da vida social e da cultura material, tornando-se um conceito chave para se estudar o passado.¹³

¹¹ Para uma sistematização dos usos ideológicos, políticos, nacionalistas e teológicos da Arqueologia Bíblica, consultar: RODRIGUES, Gabriela Barbosa. *Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativas e discursos acerca de sua constituição como disciplina*. Dissertação de Mestrado em História pela UNICAMP, 2011.

¹² INSOLL, Timothy. Introduction: the archaeology of world religion. In: INSOLL, Timothy (ed.). *Archaeology and world religion*. London: Routledge, 2001, p. 1-31. A obra também contém estudos de outros pesquisadores para as grandes religiões do mundo sob a perspectiva da Arqueologia, como o Hinduísmo, Budismo, Judaísmo, Islã, Cristianismo, e temas como a ética, o gênero e a morte na cultura material.

¹³ INSOLL, Timothy. *Archaeology, ritual, religion*. London: Routledge, 2004, p. 1-32.



Algumas das obras fundamentais na teoria da Arqueologia das Religiões: *Archaeology, ritual, religion* (2004), de Timothy Insoll; *Religion, Archaeology, and the Material World* (2008), Editado por Lars Fogelin; *Belief in the Past: Theoretical Approaches to the Archaeology of Religion* (2008), editado por Kelley Hays-Gilpin e David Whitley; *The Oxford Handbook of the Archaeology of ritual and religion* (2011), editado por Timothy Insoll. Fonte das imagens: <http://books.google.com/>. Acesso em 01 de abril de 2015.

Logo em seguida, Insoll participa de uma importante publicação sistematizadora, *Archaeology: The Key Concepts*, organizada por Renfrew e Bahn em 2005, com o verbete sobre Arqueologia do ritual e da religião. Além de uma síntese historiográfica sobre a questão investigada até aquele momento, trata-se de um verdadeiro manifesto legitimador da nova área de interesse arqueológico. Promove uma nova reflexão conceitual em algumas definições, como religião e ritual, mas concedendo uma perspectiva mais holística e advogando em considerar a superestrutura em todos os aspectos da vida – muito além de simples domínios como os sítios arqueológicos e os funerais.¹⁴ Mais recentemente, Insoll organizou o mais volumoso estudo sobre o tema até o momento (1.108 páginas): *The Oxford Handbook of the Archaeology of ritual and religion*, contando com dezenas de pesquisadores, entre os quais diversos escandinavistas.¹⁵ Certamente demonstrando o recente prestígio acadêmico da área e o interesse público pela mesma.

Por outro lado, o antropólogo norte-americano Lars Fogelin aprofundou as questões metodológicas envolvendo a área, concentrando especialmente na teorização do rito, que nas últimas décadas vem tendo um interesse maior nas pesquisas arqueológicas. Mas para o autor, o ritual seria apenas um dos aspectos materiais da religião - esta sendo um sistema simbólico muito maior e abstrato de crenças, mitos e doutrinas – convergindo para as

¹⁴ INSOLL, Timothy. Archaeology of Cult and Religion. In: RENFREW, C. & BAHN, P. (Eds.), *Archaeology: The Key Concepts*. London: Routledge, 2005, p. 45-49

¹⁵ INSOLL, Timothy (Ed.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of ritual and religion*. Oxford: Oxford University Press, 2011. As implicações conceituais e temáticas desta obra são muito importantes, mas elas serão inseridas parcialmente na próxima seção do nosso estudo, especialmente os capítulos *Monumentality*, de Chris Scarre; *Landscape*, de Randi Haaland e Gunnar Haaland; *Fire*, de Anders Kalif e *Old Norse and Germanic Religion*, de Anders André.

mesmas idéias que Timothy Insoll. Ainda assim, Fogelin diferencia dois tipos de tratamento entre os arqueólogos para a relação entre ritual e religião: a religião é primária e o ritual apenas manifesta as crenças (as principais fontes são as históricas e etnográficas); em segundo, ao contrário, o ritual é primário (as principais fontes são os remanescentes materiais e arqueológicos). Em ambas acaba-se concedendo uma dicotomia fixista entre as crenças e as ações, além do fato de que para Fogelin o ritual é constantemente modificado e a religião é sempre dinâmica e recriada.

Dentro de uma perspectiva prática, influenciado pela antropóloga Catherine Bell, o autor identifica seis características dos rituais:

- *Formalismo* – códigos de fala e ação usados pelas pessoas na vida diária
- *Tradicionalismo*: rituais arcaicos ou com elementos anacrônicos
- *Invariantes*: rituais que oferecem padrões repetitivos
- *Normativos*: rituais com códigos de conduta para determinar comportamento
- *Simbolismos sacros*: rituais para marcar ou conceber símbolos
- *Performance*: rituais para ações públicas

Para Fogelin, os arqueólogos reafirmam a experiência do ritual quando este cria, afirma ou modifica a ordem social. Neste momento, o autor reflete sobre um dos momentos mais complexos da atividade arqueológica em campo: como identificar um ritual no contexto de escavação ou pesquisa. Aqui o autor segue as idéias de Timothy Insoll e rejeita a distinção durkheimiana de sagrado e profano: não é porque um aspecto é racionalmente econômico que ele necessariamente não tem motivação religiosa. Em sítios pré-históricos pode ocorrer uma mistura entre rituais religiosos com características domésticas e industriais, por exemplo. Objetos metalúrgicos podem ser tanto religiosos quanto profanos: a sacralidade não adere a nenhum objeto ou fenômeno em particular, mas ela é criada simbolicamente a partir de materiais “mundanos” ou com papéis domésticos. Criticando também o estruturalismo, ao considerar a religião como uma estrutura de fé, doutrina e mitologia (sendo o ritual secundário), Fogelin aponta novas metodologias para interpretação do ritual como uma forma de ação humana: tentar entender como o rito foi experimentado pelas pessoas, além do seu uso como resistência à uma autoridade ou legitimação do poder. Também citada, a Arqueologia Cognitiva foca no processo fisiológico do cérebro humano e suas implicações para o processo de

cognição. Ela analisa as causas específicas da regularidade simbólica e é criticada por Fogelin por supostamente falhar em esclarecer significados específicos dos símbolos rituais (o aspecto funcional do rito antigo). Assim, a principal conclusão do autor é que os futuros arqueólogos se concentrem em analisar com mais profundidade os significados simbólicos dos cultos.¹⁶

Em outra publicação, Fogelin volta a apresentar as duas concepções vigentes: os arqueólogos que trabalham com uma perspectiva estruturalista da religião (incluindo além das crenças e mitos também a cosmologia), opondo-se à perspectiva da teoria prática, isto é, a execução empírica do ritual criaria princípios religiosos e ideológicos. Em termos metodológicos, Fogelin aponta como principais perspectivas a identificação básica de elementos religiosos (com pelos menos dezesseis implicações materiais para a prática ritual), influenciado diretamente pela pesquisa de Colin Renfrew. Em seguida, cita a iconografia e o simbolismo, a arquitetura e a paisagem, o ritual fúnebre, a História e a Etnohistória como métodos auxiliares ao estudo arqueológico da religião.¹⁷

Em sua mais recente publicação, Fogelin aborda as questões políticas e de legitimação da pesquisa arqueológica da religião, utilizando especialmente sua experiência em investigações asiáticas. Sua conclusão é de que a religião pode ser utilizada como legitimadora da autoridade como qualquer outro aspecto social (e mesmo a Arqueologia de modo geral) e que a área não é diferente substancialmente de qualquer outra da prática arqueológica, seja de forma positiva ou negativa.¹⁸

2. A Arqueologia da Religião Nórdica Antiga

Os estudos sobre religiosidade nórdica pré-cristã vem recebendo uma nova e ampla gama de discussões teóricas, metodológicas e conceituais que não podem ser

¹⁶ FOGELIN, Lars. The archaeology of religious ritual. *Annual Review of Anthropology* v. 36, p. 55-71, 2007.

¹⁷ FOGELIN, Lars. Introduction: methods for the Archaeology of Religion. In: FOGELIN, Lars. (Ed.). *Religion, Archaeology, and the Material World*. Carbondale: Southern Illinois University, 2008, 1-14.

¹⁸ FOGELIN, Lars. Deslegitimizing archaeology: the archaeology of religion as... archaeology. In: WHITLEY, David S. & HAYS-GILPIN, Kelley (Eds). *Belief in the Past: Theoretical Approaches to the Archaeology of Religion*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008, p. 129-141. Para outras considerações teóricas e metodológicas sobre Arqueologia das Religiões, apontando especialmente uma revisão conceitual sobre religiosidade e apontando estudos de casos da psicologia experimental, xamanismo e estados alterados da consciência, ver neste mesmo livro o estudo: LEWIS-WILLIAMS, J. David. Religion and archaeology: an analytical, materialist account. In: WHITLEY, David S. & HAYS-GILPIN, Kelley (Eds). *Belief in the Past: Theoretical Approaches to the Archaeology of Religion*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008, p. 23-42.

vislumbradas em sua totalidade no presente trabalho, no qual nos concentramos apenas nas pesquisas sobre cultura material.¹⁹ Recentemente, em um instigante trabalho, a pesquisadora Annete Lindberg questionou as críticas envolvendo os usos conceituais de religião para o mundo pré-cristão nórdico, as dicotomias entre essa religiosidade e o cristianismo e o tratamento puramente ritualístico ou da religião pagã como sendo apenas uma prática e não uma religião, tendo como principal referencial a Arqueologia das Religiões como um dos melhores caminhos interpretativos, além dos novos métodos comparativos.²⁰ Apesar do uso de fontes arqueológicas não ser uma novidade nos estudos de religiosidade nórdica, pois tiveram início ainda na década de 1960,²¹ foi somente com acadêmicos dinamarqueses que se iniciaram reflexões teóricas e conceituais mais profundas a partir da década de 2000.²²

Neste ano, Kristina Jennbert publicou um das primeiras problematizações teóricas a respeito da Arqueologia da Religião Nórdica Antiga. Influenciada por Colin Renfrew, mas também por discussões dos próprios dinamarqueses (em especial a obra coletiva *Arkeologi och Religion*, Arqueologia e Religião, publicada em 1989 pela Universidade de Lund), o primeiro ponto que a pesquisadora analisa diz respeito aos vários significados que as fontes materiais poderiam conter, especialmente influenciada pela arqueologia pós-processualista. Em segundo, os problemas nas reconstituições materiais de rituais e sua relação com conexões políticas e ideológicas.

¹⁹ Para um panorama destas novas teorias e metodologias, consultar: LANGER, Johnni. A religião nórdica pré-cristã: conceitos e métodos. In: ALVARO, Bruno & PARMEGIANI, Raquel (Orgs). *Combates e Debates sobre a Antiguidade e o Medievo: Perspectivas Historiográficas*. São Cristóvão: Edufs (no prelo); LANGER, Johnni. *Na trilha dos Vikings: estudos de religiosidade nórdica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015; LANGER, Johnni. Paganismo nórdico. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 361-365.

²⁰ LINDBERG, Annete. The concept of religion in current studies of Scandinavian Pre-Christian Religion. *Temenos* vol. 45 (1), p. 85-119, 2009.

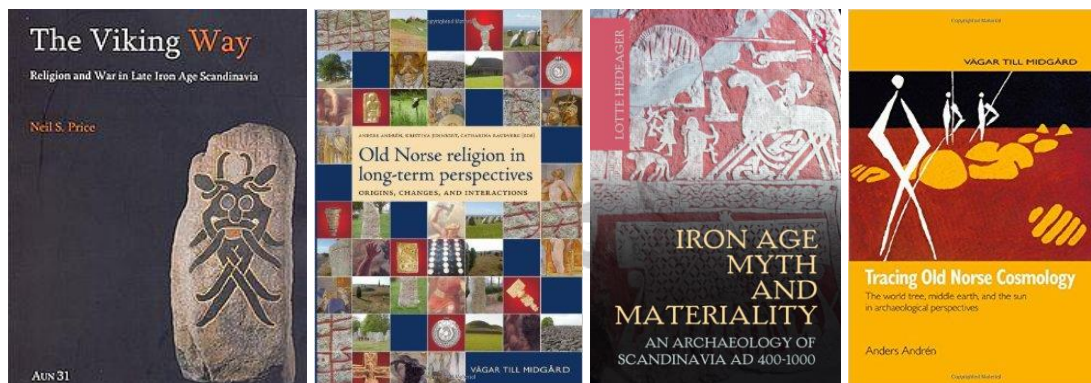
²¹ Um bom exemplo é com o estudo de Hilda Davidson, que utiliza um referencial comparativo entre as fontes materiais anglo-saxônicas, celtas e nórdicas, buscando compensar as lacunas e limitações das fontes escritas e analisar especialmente as relações entre materialidade divina e imagem: DAVIDSON, Hilda. Help from Archaeology/The contribution of Archaeology. In: DAVIDSON, Hilda. *The lost beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 1993, p. 11-36. Um crítico da utilização das evidências arqueológicas é Christopher Abram, questionando o modelo das expressões da fé pagã recuperados pela materialidade (fé e práticas religiosas e sua dinâmica com os mitos) e as interpretações de certas figuras de deuses e sua relação com as narrativas literárias. ABRAM, Christopher. *Archeological evidence*. In: ABRAM, Christopher. *Myths of the Pagan North*. Auckland: Continuum International Publishing Group, 2011, p. 2-8.

²² Integrantes do projeto multidisciplinar *Väger till Midgård*, empreendido entre os anos de 2000 a 2007 e coordenado pelos professores Kristina Jennbert, Anders Andrén e Catharina Raudvere, do departamento de Arqueologia e História Antiga da Universidade de Lund, Dinamarca (<http://www.ht.lu.se/projekt/23>). Acesso em 12 de março de 2015.

O terceiro discute a relação entre fontes literárias e as materiais, que ocupam grande espaço nos debates da Escandinávistica.²³ Como temas de investigação, as questões envolvendo morte e cultos fúnebres denotam uma maior atenção dos especialistas, algumas relacionando a arte rupestre da Idade do Bronze com sepulturas e iconografias do período Viking. Inclusive, a autora é da opinião que a arte rupestre seria um tipo de cultura material central aos estudos de religião, fazendo com que os pesquisadores retornem aos clássicos estudos sobre fertilidade, o sagrado, a cosmologia e o xamanismo. Os sítios envolvendo oferendas votivas e sacrifícios também vem recebendo atenção especial. Outro tema mais recente diz respeito as conexões entre a vida cotidiana, a paisagem e a religiosidade. O meio ambiente estaria saturado de interpretações culturais, e entre elas, a religião. E ao mesmo tempo, o ritual em um dado espaço físico seria conectado à interpretações cosmológicas e visões de mundo.²⁴

²³ Para um panorama detalhado das discussões sobre as fontes da religiosidade nórdica pré-cristã, um dos melhores estudos é: SCHJØDT, Jens Peter. The sources. In: SCHJØDT, Jens Peter, et al. *Initiation between two worlds: structure and symbolism in pre-Christian Scandinavian religion*. Odense: The University Press of Southern Denmark, 2008, p. 85-107. Sobre a questão das fontes, ver também: HEDEAGER, Lotte. Written sources on the pre-Christian past. In: HEDEAGER, Lotte. *Iron Age Myth and Mentality an archaeology of Scandinavia ad 400 – 1000*. Abingdon: Routledge, 2011, p. 21-32; BIBIRE, Paul. Myth and belief in Norse Paganism. *Northern Studies* 29, p. 1-23, 1992; FELL, Christine. Paganism/Sources of evidence. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (Org.). *The Viking World*. London: Frances Lincoln, 2001, p. 174-178.

²⁴ JENNBERT, Kristina. Archaeology an Pre-Christian Religion in Scandinavia. *Current Swedish Archaeology* 8, p. 127-142, 2000. Um campo que vem relacionando a religiosidade com a cultura material é o estudo de imagens e iconografia nórdica pré-cristã. Um dos poucos estudos teóricos neste campo é: FUGLESANG, Signe Horn. Iconographic traditions and models in Scandinavian imagery. *13th International Saga Conference*, Durham University, 2006. Para estudos aplicados ver: PRICE, Neil. What's in a name? As archaeological identity crisis for the Norse gods (and some of their friends). In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 179-183; KALIFF, Anders & SUNDQVIST, Olof. Odin and Mithras: religious acculturation during the Roman Iron Age and the Migration period. In: ANDRÉN; JENNBERT; RAUDVERE (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 212-217; RATKE, Sharon & SIMEK, Rudolf. Guldgubber: relics of pre-Christian law rituals? In: ANDRÉN; JENNBERT; RAUDVERE (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 259-266; SØRENSEN, Preben Meulengracht. Þorr's fishing expedition (Hymiskviða). In: ACKER, Paul (ed.). *The Poetic Edda: essays on Old Norse Mythology*. London: Routledge, 2002, p. 119-138; HALL, Richard. Viking Age art. *Viking Age Archaeology*. London: Shire, 2010, p. 31-39; STERN, Marjolein. *Runestone images and visual communication in Viking Age Scandinavia*. Tese de doutorado em Estudos Nórdicos, Universidade de Nottingham, 2013.



Algumas publicações sobre o tema da Arqueologia da Religião Nórdica Antiga: *The viking way: religion and war in Late Iron Age Scandinavia* (2002), de Neil Price; *Old Norse religion in long-term perspectives* (2006), de vários autores; *Iron Age myth and materiality* (2011), de Lotte Hedeager; *Tracing Old Norse cosmology* (2014), de Anders Andrén. Fonte das imagens: <http://books.google.com/> Acesso em 01 de abril de 2015.

Em outro estudo mais recente e detalhado, Anders Andrén retoma considerações teóricas sobre a metodologia da arqueologia da religião nórdica. O primeiro elemento definido pelo autor é a manutenção do diálogo entre as fontes literárias medievais com as fontes materiais, mas também percebendo que o ritual não é simplesmente uma representação dos mitos e que a literatura contém poucas informações empíricas sobre religião. Baseado no projeto *Väger till Midgård* (Caminhos para Midgard)²⁵, Anders discute inicialmente a questão da recuperação da prática ritual. A primeira dificuldade sobre este tema consiste nas precárias descrições literárias, que se concentram muito mais na mitologia do que na religião e também poucos dados sobre a relação entre as pessoas e os poderes divinos. Neste sentido, os *estudos toponímicos* podem indicar a crença na conexão entre deuses e localidades ou grupos de pessoas e mesmo a relação entre religião e paisagem.²⁶ E também as escavações em áreas sagradas e templos ou habitações para cultos fornecem detalhadas informações sobre objetos depositados, sacrifícios e indícios de rituais. Os diferentes sítios apresentam possibilidades de conterem diversidade regional nos cultos como também diversidade ritual em categoriais sociais específicas. Alguns aspectos desses cultos são desconhecidos, como danças, músicas e discursos.

²⁵ O projeto investiga as variações rituais e atitudes mentais da antiga religião nórdica no tempo e espaço, através do estudo de textos, imagens e cultura material que datam da Pré-História até o início do período moderno. O projeto procura focar a religiosidade nórdica muito além da mitologia, entendendo ela como um sistema complexo, dinâmico e variável. As pesquisas envolvem basicamente arqueólogos da Universidade de Lund, na Dinamarca.

²⁶ Para um estudo recente sobre religião e paisagem pré-cristã ver: BRINK, Stefan. Myth and ritual in Pre-Christian Scandinavian landscape. In: NORDEIDE, S. W.; BRINK, Stefan (eds.). *Sacred sites and holy places: exploring the sacralization of landscape through time and space*. London: Brepols Publishers, 2013.

A *etimologia* também fornece algum auxílio revelando associações rituais e sacrifícios de animais, sangue, alimentação e bebidas.²⁷ Uma questão especial tratada por Andrén é a respeito da origem e desenvolvimento da religião nórdica antiga, do qual se conhece muito pouco, mas um ponto ainda mais importante: a definição do quanto ela foi unificada ou diversa. Apesar da historiografia clássica apontar muito a sua unidade, diversos estudos mais recentes vem demonstrando as variações locais, sociais e rituais desta forma de religiosidade. E pensada enquanto “forma de vida”, a diversidade dos rituais nunca pode ser entendida enquanto uniforme ou homogênea.²⁸ Assim, objetos como pingentes e amuletos e pinturas rupestres possuem tanto conexão com temas mitológicos, cosmológicos quanto foram inseridos em motivos da literatura islandesa após a cristianização.²⁹

2.1. Cosmologia e visão de mundo pré-cristã

Os estudos sobre cosmologia nórdica pré-cristã atualmente ocupam grande parte das publicações, discussões e pesquisas envolvendo a cultura material da religiosidade na Escandinávia. Não se trata mais das tradicionais discussões sobre cosmologia enquanto tema dos estudos mitológicos, comuns desde o Oitocentos, mas de tratar a cosmologia

²⁷ ANDRÉN, Anders. Behind Heathendom: archaeological studies of Old Norse Religion. *Scottish Archaeological Journal* 27(2), p. 105-138, 2005.

²⁸ Baseada no conceito de cultos a fertilidade e as publicações de Neil Price e Gro Steinsland, a pesquisadora Anne-Sofie Gräslund analisa a dinâmica da religiosidade nórdica pela sua cultura material, também percebendo variações em alguns cultos. GRÄSLUND, Anne-Sofie. The material culture of Old Norse Religion. In: BRINK, Stefan (ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008, p. 249-256. Outro pesquisador também aponta a falta de homogeneidade e a visão crítica à uma religiosidade nativa totalmente livre de influências externas à Escandinávia (“intocada”). BRINK, Stefan. How uniform was the old Norse religion? In: QUINN, Judy (ed.). *Learning and understanding in the Old Norse world: essays in honour of Margaret Clunies Ross*. London: Brepols, 2007, p. 105-136.

²⁹ *Ibid.*, p. 120-138. Para outros exemplos da aplicação de novas metodologias e perspectivas arqueológicas nos estudos de religião nórdica antiga, consultar: PRICE, Neil. Mythic acts: material narratives of the dead in Viking Age Scandinavia. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 13-46 (Vestígios de sepultamentos como dramatizações sociais da morte, interpretação material influenciada pelas ideias do folclorista Terry Gunnell); DUBOIS, Thomas. Diet and deities: contrastive livelihoods and animal symbolism in Nordic Pre-Christian Religions. RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 65-96 (Análise de fontes literárias e arqueológicas sobre simbolismo animal e convergência entre práticas sociais religiosas e econômicas de alimentação); HEDEAGER, Lotte. *Iron Age Myth and Mentality an archaeology of Scandinavia ad 400 – 1000*. Abingdon: Routledge, 2011 (Com enfoque em influências materiais externas na religiosidade nórdica, advindas no período das migrações germânicas); BERGGREN, Åsa. Archaeology and sacrifice. In: ANDRÉN; JENNBERT; RAUDVERE (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 303-307 (Análise das principais teorias sobre sacrifício e as modernas interpretações arqueológicas).

enquanto um campo conceitual do mesmo estatuto que o mito e a religião, interdependentes, porém conservando suas próprias especificidades. Esta tendência concretizou-se com a coletânea dinamarquesa *Ordning mot kaos* (Ordem contra caos) de 2004, cujos principais artigos foram traduzidos ao inglês e republicados na revista finlandesa *Temenos* em 2009.

O texto que consideramos chave para se entender essa tendência foi escrito por uma das organizadoras do livro dinamarquês, Catharina Raudvere. Para ela, a cosmologia também pode ser entendida como a visão de mundo que uma sociedade possui em determinado contexto espacial e histórico, não sendo porém exclusivamente religiosa e contendo uma doutrina coerente sobre o cosmos (uma forma para explicar as partes do universo). Assim, a cosmologia define-se como termo empírico e como termo analítico. Comparada aos mitos a cosmologia é um conceito igualmente amplo e menos diretamente associado a religião. Este último seria identificado diretamente aos *rituais*, que não seriam configurações dos mitos no senso das narrativas (como no referencial fenomenologista de Mircea Eliade), mas manifestações de uma moral universal que sela alianças sociais e relações de poder. Mitos e cosmologias não seriam verdadeiros porque as pessoas acreditam literalmente nelas – consideradas como um todo e não somente em seus detalhes fantásticos – mas contam verdades sobre a sociedade, sobre o local dos poderes humanos na história, sobre ideologias e morais.³⁰ Isso explicaria porque muitas dessas narrativas sobrevivem a mudança de religião. Como exemplo empírico de suas teorizações, Raudvere emprega as estelas gotlandesas, especialmente as que contém imagens do ciclo de Sigurd. Questionando estas figurações ou atributos das imagens gotlandesas em termos seculares ou mitológicos e propondo uma interpretação cosmológica (visão de mundo). Especialmente as figuras a cavalo refletiriam uma fantasia social, sonhos de prosperidade, poder e visão, ou então, um deus para invocar, um herói para celebrar, uma vida para sonhar. Com isso, o conceito cosmológico permite perceber as iconografias da cultura material de forma

³⁰ Para uma excelente discussão sobre a percepção arqueológica dos mitos nórdicos consultar: HINES, John. Myth and reality: the contribution of Archaeology. In: ROSS, M. Clunies (ed.). *Old Norse Myths and Society*. Odense: Odense University Press, 2003, p. 19-39.

muita mais dinâmica, respeitando as diferenças sociais, de gênero, políticas e religiosas que a sociedade nórdica mantinha neste período.³¹

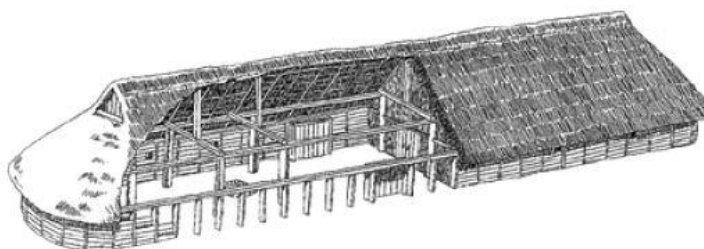
Outro importante estudo que fazia parte do livro *Ordning mot kaos* é de autoria do arqueólogo Andreas Nordberg e investiga as relações cosmológicas dos antigos sepultamentos nórdicos. Nordberg percebe a *morte como um drama cósmico*: a passagem entre os mundos seria considerada difícil e perigosa na visão pré-cristã, para o qual se utilizariam auxílios de entidades e rituais, dramas rituais, comida, sacrifícios e lamentos. Nos funerais nórdicos os dramas rituais eram executados com motivos míticos, como o morto atravessando ao outro mundo a cavalo, guiado pelo psicopombo na forma de um cão ou dois cachorros que cuidam da sua entrada ao outro mundo. Deste modo, a sepultura teria uma função básica de conectar a nossa realidade aos outros mundos, levando ao conceito arqueológico escandinavista de *centro cósmico*, um suposto sítio arqueológico concebido como abertura ou junção para outros mundos pelas crenças nórdicas. As sepulturas também atuariam como centros cósmicos e se relacionariam a idéia da *axis mundi*, especialmente a árvore Yggdrasil.³²

Mais recentemente, a arqueóloga Lotte Hedeager publicou o que vem sendo uma das obras mais paradigmática nos estudos de Arqueologia da Religião Nórdica Antiga: *Iron Age myth and materiality*, de 2011. Seu estudo basicamente concentra-se na relação entre imagem, literatura e cultura material, discutindo a dinâmica em que os mitos nórdicos foram ressignificados a partir de influências externas ainda no período das migrações, até alcançarem a sua forma clássica durante a Era Viking.³³

³¹ RAUDVERE, Catharina. The part or the whole: cosmology as an empirical and analytical concept. *Temenos* vol. 45, n.1, p. 7-33, 2009.

³² NORDBERG, Andreas. The grave as a doorway to the Other World: architectural religious symbolism in Iron Age graves in Scandinavia. *Temenos* vol. 45, n. 1, p. 35-63, 2009.

³³ HEDEAGER, Lotte. *Iron Age myth and materiality: an Archaeology of Scandinavia AD 400-1000*. New York: Routledge, 2011. Não temos espaço para discutir todas as implicações da obra de Hedeager, nos concentrando em sua interpretação da cosmologia em relação aos vestígios materiais da religiosidade nórdica. Para outros aspectos sobre Arqueologia das Religiões deste livro, recomendamos a leitura das resenhas: BRUNDLE, Lisa. Review: *Iron Age myth and materiality*, *Archaeological Journal* vol. 168, n. 1, p. 434, 2011; RAMQVIST, H. Review Article: Two perspectives on Iron Age southern Scandinavia. *Antiquity* 86, p. 561-565, 2012; CHADWICK, Adrian M. Review: Iron Age Myth and Materiality. *The Prehistoric society*, 2011. <http://www.prehistoricsociety.org> Acesso em 01 de abril de 2015.



Fotografia do sítio arqueológico de Gudme, Dinamarca. Ao lado, ilustração reconstituindo o salão principal do sítio. Segundo a arqueóloga Lotte Hedeager, Gudme teria sido interpretado cosmologicamente como um modelo paradigmático de Asgard. Fonte das imagens: <http://vikingekult.natmus.dk> Acesso em 18 de abril de 2015.

Em especial, Hedeager analisa cosmologicamente o sítio arqueológico de Gudme (Dinamarca) como um exemplo de *localidade central* nos estudos de Arqueologia nórdica. Anteriormente, nenhum conceito explicava de forma coerente o modelo de localidade central, que conectava vários aspectos da sociedade: religião (vestígios de cultos a deuses, sagrado), política (manifestações do poder central em torno do salão real), economia (locais de controle e produção de riquezas, manufaturas e comércio de objetos preciosos). Gudme recebia objetos do mundo exterior e os transformava, mas também estes objetos foram embebidos em uma ordem cosmológica. Por exemplo, os metais e o simbolismo do ferreiro: na cosmologia nórdica, trabalhar com metal/metalurgia seria um conceito crucial, ligado a importantes aspectos sociais, mas com referenciais míticos e religiosos. Gudme foi um centro multifuncional, onde atuavam ferreiros, artesãos, xamãs e viajantes de longas distâncias. Deste modo, *Gudme teria sido um modelo paradigmático de Asgard* – foi percebido como um local sagrado, a casa dos deuses, o centro do mundo espiritual e da ordem cósmica, com os deuses Aesir em sua mente. O assento real no salão de Gudme seria a manifestação terrena do trono de Odin. Assim, o centro de Asgard (*Gladshheim*) teria sido conectado simbolicamente com o poder real. A partir dele, o rei acessaria Odin e o conhecimento secreto essencial para a sua autoridade.



Fotografias da fortaleza de Ismantorp, Suécia, considerada um espaço militar com significado cosmológico segundo o arqueólogo Anders Andrén. Fonte das imagens: <http://www.dayofarchaeology.com/> Acesso em 2 de abril de 2015.

Em um novo e recente estudo, o arqueólogo Anders Andrén retoma o conceito cosmológico aplicado à Arqueologia como um indicativo de mudanças na religiosidade nórdica pré-cristã. Para ele, o conceito de cosmologia estaria situado entre o mito e o rito e modelado de acordo com as visões de mundo. A religiosidade associada com o modelo cosmológico não é mais a teologia dos modelos clássicos de história das religiões (cujo referencial principal era baseado na visão judaica e cristã), mas sim baseada nas mudanças das práticas sociais e no discurso religioso transcendental. Mito e ritual³⁴ são diferentes mas relacionados, mas ao contrário da escola antropológica inglesa, rito não é a dramatização do mito, mas sim um ato formalizado que cria significados. Mantido na ordem cosmológica, o ritual é um ato transformador e neste sentido, não é apenas religioso, mas também político, jurídico e social. Mas também as noções cosmológicas não estariam somente situadas nos ritos, elas também surgem e são recriadas a partir de noções advindas de sítios e monumentos. Neste caso, os estudos de cultura material deixam de ser apenas objetos de interesse semiótico nas investigações ou ter um papel menor na análise dos ritos. Agora os estudos convergem para uma visão de que sem o aspecto material e físico, os rituais não tem sentido social. Para Andrén, o futuro das investigações sobre cosmologia dependerá de novos modelos e teorias na arqueologia da religiosidade nórdica pré-cristã.³⁵

³⁴ Para um estudo sobre a relação entre mito e rito (a interpretação de que as *Eddas* foram dramatizações rituais e sociais nos tempos pré-cristãos), ver: GUNNELL, Terry. *The origins of drama in Scandinavia*. London: D. S. Brewer, 1995.

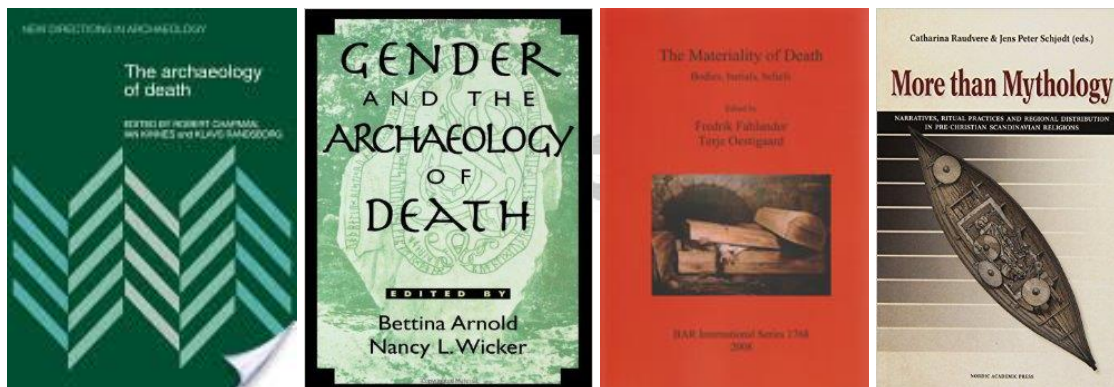
³⁵ ANDRÉN, Anders. *Tracing Old Norse cosmology: the world tree, middle earth, and the sun from archaeological perspectives*. Lund: Nordic Academic Press, 2014, p. 11-20.

Em especial, Andrén analisa nesta obra o sítio arqueológico de Ismantorp, uma antiga fortaleza que nunca foi habitada de forma permanente. Construída em 200 e depois abandonada em 650 a. C., o seu principal problema como uma fortaleza tradicional é o fato de possuir nove portões, um detalhe que lhe concede pouca funcionalidade bélica. Para Andrén, Ismantorp teria sido uma construção que seguia modelos cosmológicos, além dos aspectos funcionais, do mesmo modo que Gudme na interpretação de Lotte Hedeager. Também influenciado por Neil Price, Ander Andrén constrói uma hipótese deste local ter sido utilizado para fins políticos, militares e religiosos, servindo como um local do xamanismo guerreiro do mundo nórdico. O número de portões seria relacionado ao simbolismo do número nove - uma unidade de tempo e espacialidade – exemplo de Yggdrasill conectada aos nove mundos e as rituais. Com isso, *Ismantorp torna-se a representação do mundo terrestre (Midgard)*, tendo um poste central que simbolizaria a *axis mundi*. A grande quantidade de sacrifícios envolvendo armamentos e as alusões cosmológicas denotam a nova ordem militar que se legitima pelo divino ou pela sanção cosmológica. Ismantorp é percebido por Andrén como um híbrido entre o modelo romano e a tradição local. Não foi o único local de refúgio ou centro cívico mas tinha um forte significado cosmológico e torna-se um *exemplo de que a religiosidade nórdica antiga não era uma esfera separada, mas integrava a vida prática das pessoas*.

2.2. A Arqueologia da morte na área nórdica

O estudo de sepulturas constitui a principal fonte de evidências materiais sobre religiosidade investigada pelos arqueólogos na área nórdica desde o século XIX, criando uma sub-vertente que vem sendo denominada de Arqueologia da morte pelos acadêmicos. Devido ao contexto dos sítios encontrados – sepulturas com armamentos, restos humanos e animais, objetos votivos e pessoais, entre outros – o encontro de sepulturas tornou-se corriqueiro não somente pelos caçadores de tesouros, como pelos ávidos pesquisadores tentando recuperar cientificamente o passado. No Oitocentos, os escandinavistas também foram pioneiros na formulação de tipologias, métodos e classificações para a Arqueologia pré-histórica. Vestígios de sepultamentos constituíram a base de muitos trabalhos, como *Danmarks Oldtid* (Pré-História da Dinamarca), de Jens Worsaae, publicado em 1843, cujos vestígios recuperados eram logo direcionados a instituições como o Museu Nacional da Dinamarca. Descobertas posteriores, como do navio-sepultamento de

Oseberg em 1904, colocam a morte como um dos principais temas relacionados com a Era Viking no mundo europeu.³⁶



Algumas obras que abordam o tema da Arqueologia da Morte na Escandinávia da Era Viking: *The Archaeology of death*, 1981, editado por Robert Chapman; *Gender and the Archaeology of death*, 2001, editado por Bettina Arnold e Nancy Wicker; *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*, 2008, editado por Frederik Fahlander e Terje Oestigaard; *More than mythology: narratives, ritual, practices and regional distribution in pré-christian Scandinavian religions*, 2012, editado por Raudvere e Schjødt. Fonte das imagens: <http://books.google.com/> Acesso em 01 de abril de 2015.

Durante o século XX os estudos sobre sepultamentos receberam implementos provindos de outras áreas do conhecimento, como o aprimoramento das técnicas forenses, exames osteológicos, datações em laboratórios, etc. além de constantes debates sobre a análise envolvendo ritual e crenças sobre a vida após a morte. As perspectivas também se ampliaram após a década de 1970, envolvendo novas propostas de análise a partir de temas como o dos estudos feministas e de gênero, a exemplo da coletânea *Gender and the Archaeology of death*, editado por Bettina Arnold e Nancy Wicker. Estudos efetuados nesta obra, como o de Anne Stalsberg, procuram demonstrar as limitações das fontes escritas no estudo da mulher escandinava no mundo oriental-eslavo, demonstrando que sua posição social e econômica era muito mais relevante do que a historiografia tradicional desenvolveu. Para demonstrar essa afirmação, Stalsberg faz uso especialmente de análises de sepultamentos femininos. Com isso percebe-se que o momento da morte era cercado de simbolismos que não somente se relacionavam à esfera religiosa, mas

³⁶ BAHN, Paul G. *The Cambridge illustrated history of Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 89, 134.

estavam repletos de hierarquizações políticas e sociais.³⁷

Em um evento internacional realizado na Suécia em 2004 (*Old Norse Religion in long-term perspectives*), diversas pesquisas apontavam os novos paradigmas teóricos na Arqueologia da Morte da área nórdica. Com fortes influências da sociologia de Pierre Bourdieu, da teoria do rito de Christine Bell, da historiografia francesa (como Fernand Braudel) e da Antropologia (Marshall Sahlins) o estudo de Liv Stutz aponta para uma nova compreensão da materialidade da prática ritual, onde este também interfere na estrutura social, com a capacidade de transformá-la e não sendo apenas um reflexo desta. Ocorre uma intercalação entre prática, transformação e História, bem aos moldes da teoria do rito de Christine Bell: o rito possui uma relação dialética entre prática e estrutura. Neste estudo de Stutz, a ação humana é recuperada no registro arqueológico – o pesquisador vai muito além do objeto material em si, do vestígio físico, aproximando-se das pesquisas francesas da *anthropologie de terrain*,³⁸ onde as investigações do processo biológico da morte são recuperadas paralelamente aos ritos mortuários.³⁹

Em outro estudo, Frederik Ekengren analisa os significados que os recipientes de bebidas romanos receberam nas práticas mortuárias escandinavas. Contestando a visão tradicional que identificava estes objetos como simples símbolos de poder e prestígio, agora os arqueólogos os identificam com elementos dramáticos nas criações de conceitos sobre a morte e do *status* do morto na mente dos observadores

³⁷ STALSBERG, Anne. Visible women made invisible: interpreting varangian women in Old Russia. In: ARNOLD, Bettina & WICKER, Nancy (eds.). *Gender and the Archaeology of death*. Walnut Creek: Altamira Press, 2011, p. 65-80. Essa posição também é seguida por outro estudo na mesma coletânea, onde demonstra-se que as sepulturas indicam um grande poder político para as mulheres nórdica na Era Viking: GRASLUND, Anne-Sofie. The position of Iron Age Scandinavian Women: evidence from graves and rune Stones. In: ARNOLD, Bettina & WICKER, Nancy (eds.). *Gender and the Archaeology of death*. Walnut Creek: Altamira Press, 2011, p. 81-102.

³⁸ “Antropologia de posição”, técnica e metodologia de pesquisa que consiste em estudar e recuperar a posição original dos corpos humanos em depósitos e sítios arqueológicos e levando em conta o grau de preservação dos tecidos humanos, sua idade, tipo de vida, doenças e enfermidades, entre outros aspectos obtidos a partir dos métodos da Antropologia física, Medicina Forense e Biologia. Para um vislumbre dos aspectos teóricos, metodológicos e diversos estudos de caso sobre Antropologia de posição estudados pelos acadêmicos franceses, consultar: DUDAY, Henri et al. L’Anthropologie de terrain: reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. *Bulletins et Mémoires de la Société d’anthropologie de Paris*, Nouvelle Serie, tome 2, fascicule 3-4, p. 29-49, 1990.

³⁹ STUTZ, Liv Nilsson. Escaping the allure of meaning: toward new paradigms in the study of ritual in prehistory. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (Eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 95-98.

do ritual.⁴⁰ A influência francesa também pode ser percebida em outro capítulo do mesmo livro: *The heroized dead*, de Kristina Jennbert, onde as obras de Fernand Braudel e Philippe Ariès auxiliam a se entender como variaram as percepções sociais do corpo do morto durante o tempo e o espaço. Aplicando o conceito de longa duração, Jennbert preocupa-se em compreender as funções dos animais junto aos funerais, tanto em seus aspectos práticos quanto valores simbólicos, denotando um sentido de prosperidade na vida e na morte para a memória do morto. Neste sentido, os rituais de morte são entendidos como expressões de identidades sociais e de hibridismos culturais.⁴¹

Outro importante evento ocorrido na Europa (*The materiality of death: bodies, burials, beliefs*, 2006, Polônia) e com seus trabalhos publicados dois anos depois em formato de livro, demonstram o amadurecimento dos arqueólogos escandinavistas com relação ao tema da morte. Em seu artigo introdutório e teórico, logo percebemos uma continuidade com a influência francesa das pesquisas sobre a história e sociologia da morte (Philippe Ariès, Pierre Bourdieu), mas também com a teoria dos rituais em língua inglesa (Christine Bell, Richard Bradley). Algumas obras pioneiras são citadas (*Approaches to the social dimension of mortuary practices*, 1971, de J. Brown), mas a bibliografia já aponta para uma maior citação de autores contemporâneos discutindo a teoria e a metodologia das Ciências das Religiões, a exemplo da referência de cinco estudos de Timothy Insoll e do livro sintetizador de Mike Parker Pearson (*The archaeology of death and burial*, 1999). O principal direcionamento teórico da obra é o levantamento de cinco problemáticas realizadas para futuras pesquisas em torno da temática: 1. A materialidade do corpo enquanto estrutura biológica e animal; 2. Os rituais enquanto materialidade das práticas sociais; 3. A materialidade dos enterros e objetos pessoais; 4. Os monumentos e a materialidade da memória; 5. A materialidade das trocas sociais, das hierarquias e do patrimônio.⁴²

⁴⁰ EKENGREN, Frederik. Performing death: the function and meaning of roman drinking vessels in Scandinavia mortuary practices. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 109-114.

⁴¹ JENNBERT, Kristina. The heroized dead: people, animals, and materiality in Scandinavia death rituals, AD 200-1000. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 135-140.

⁴² FAHLANDER, Frederik & OESTIGAARD, Terje (eds). *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008, p. 1-18.

A maioria dos estudos deste livro são temáticos e circunscritos à área europeia, da antiguidade ao medievo. Cinco capítulos envolvem a área nórdica. No estudo de Terje Gansum, procurou-se entender como as antigas comunidades da Escandinávia percebiam e entendiam a morte⁴³, enquanto Åke Johansson discute a construção de estradas associadas com estelas rúnicas como indicadores das expressões materiais de ideais religiosos relacionados com a trajetória da alma após a morte.⁴⁴ O último capítulo (*Stones and bones*) trata de uma pesquisa arqueológica efetuada ao norte de Estocolmo, que reuniu interessantes evidências da associação entre funeral humano e o mito de Ymir. Conduzida pela arqueóloga Christina Lindgren no sítio de Lilla Sylta, estes vestígios associam o poder simbólico do mito com os ritos fúnebres: em sepulturas foram encontrados vestígios de quartzo e ossos, que foram triturados e mesclados conjuntamente uns com os outros. Partindo do pressuposto que pelo relato mítico, as rochas e montanhas foram feitas a partir dos ossos de Ymir, a arqueóloga conclui que a mistura triturada é um indicador simbólico que remete ao gigante primordial. Para ela, nas sociedades antigas não ocorria uma maior diferença entre o sagrado e o profano, nem separação entre a natureza e a cultura. Desta maneira, o homem antigo fundia-se à paisagem natural, no momento de sua morte, retornando ao início dos tempos.⁴⁵

Por último, examinaremos as pesquisas de um dos mais famosos arqueólogos da atualidade, o britânico Neil Price. Com uma grande gama de pesquisas, este acadêmico realizou suas primeiras reflexões sobre arqueologia da morte no livro *The viking way*, de 2002. Nele o autor utiliza perspectivas interdisciplinares na arqueologia para entender a relação entre a magia e a guerra na Escandinávia da Era Viking. Em especial, o autor analisa evidências de magia em sepulturas femininas. Em 2008, Price participou de uma obra sistêmica sobre os nórdicos, com um capítulo envolvendo a arqueologia da morte. Sua bibliografia é essencialmente de livros em inglês e línguas escandinavas escritos por especialistas na área escandinava. Sua visão aponta primeiramente a diversidade nas concepções sobre a morte do mundo pré-cristão e critica os autores que recusam o modelo

⁴³ GANSUM, Terje. Reproduction and relocation of death in Iron Age Scandinavia. In: FAHLANDER, Frederik & OESTIGAARD, Terje (eds). *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008, p. 141-146.

⁴⁴ JOHANSSON, Åke. A road for the Vikings's soul. In: FAHLANDER, Frederik & OESTIGAARD, Terje (eds). *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008, p. 147-150.

⁴⁵ LINDGREN, Christina. Stones and bones: the myth of Ymer and mortuary practices with an example from the migration period in Uppland. In: FAHLANDER, Frederik & OESTIGAARD, Terje (eds). *The materiality of death: bodies, burials, beliefs*. Oxford: Archaeopress, 2008, p. 155-160.

de uma cultura pan-escandinava na Era Viking (baseados em variações regionais de sepultamentos). Com relação às técnicas de sepultamento, Price examina os dois tipos básicos: a cremação e a inumação, variando conforme a região analisada. Os sepultamentos com navios recebem uma atenção especial, especialmente o relato de Ibn Fadlan e os vestígios de Birka, sendo analisados sob a perspectiva da teoria da dramatização de Terry Gunell e dos ritos de passagens.⁴⁶

Pouco depois, o mesmo arqueólogo retoma suas pesquisas sobre a cultura material da morte, ainda dentro deste referencial de mitos dramatizados. Sua visão incorpora as tendências mais atuais na Escandinavística: o mito não é percebido como algo fixo, imutável ou dogmático a partir das fontes escritas, mas uma narrativa dinâmica e que possuía originalmente várias versões e contradições internas. Para ele, a perspectiva social é a mais importante, visto que os detalhes individuais das narrativas podem ter sido inventados pelos copistas já no período cristão. Neste caso, Price demarca como fundamental a relação entre a demarcação de limites entre a textualidade e a Arqueologia e também de perceber a religiosidade nórdica pré-cristã não tanto em termos de uma religião conceitualmente definida, mas antes como um espaço discursivo pagão – aqui influenciado pelo dinamarquês Peter Schjødt. Posteriormente, ao analisar casos específicos de funerais recuperados pela pesquisa arqueológica, o autor revela a grande diversidade nos funerais, onde a maior parte da população na Era Viking não recebia nenhum tipo de enterro – uma diferenciação social bem definida. Retomando Gunnell e a narrativa do viajante Ibn Fadlan, Price percebe os funerais não apenas como rituais religiosos, mas como uma performance de narrativas míticas. O drama se torna uma mensagem pública para diferentes segmentos da audiência. Cada animal e cada objeto executaria um papel específico dentro deste drama funerário, cujos atores principais não estavam presentes na cena final, mas tinham o maior papel: os mortos. Dentro deste referencial, os poemas heróicos e mitológicos seriam dramas não para serem simplesmente recitados ou cantados, mas encenados em locais de poder sobrenatural ou numinosos, associados aos dramas funerais.⁴⁷

⁴⁶ PRICE, Neil. Dying and the dead: viking age mortuary behaviour. In: BRINK, Stefan (Ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008, p. 257-273.

⁴⁷ PRICE, Neil. Mythic acts: material narratives of the dead in Viking Age Scandinavia. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 13-46.

3. Conclusão: religião e cultura material

A Arqueologia das Religiões oferece um novo patamar de discussões sobre metodologias e teorias nas investigações sobre os rituais e as religiosidades. A própria noção dos conceitos sobre religiões são discutidas em novos horizontes. Com isso, as pesquisas envolvendo a materialidade das antigas crenças na Escandinávia pré-cristã podem ser conduzidas a partir da escolha de novos temas, como a relação entre aspectos funcionais e cosmologia, a ideologia que envolveu os funerais e sepultamentos, novas questões de gênero e identidade, ritos de passagem, entre muitos outros.

Mas também, a Arqueologia das religiões oferece perspectivas instrumentais para se analisar descobertas de vestígios em épocas que não havia possibilidade de efetuar maiores contextualizações, a exemplo das investigações de Poul Nordlund entre os anos de 1935-1942 na Dinamarca.⁴⁸

A perspectiva material da religiosidade nórdica deve buscar entender a visão de mundo pré-cristã, assentada especialmente numa relação dinâmica e variável do fenômeno religioso na área escandinava. Não mais uma visão de religião confessional, centralizada e dogmática, mas uma concepção que procure essencialmente caracterizá-la como submetida a constantes variações no tempo, espaço e categorias sociais (hibridismos), mas ao mesmo tempo, concedendo certa unidade coerente a ela enquanto experiência cultural.

Uma questão essencial aos arqueólogos das religiões e que também está presente nos estudos nórdicos de cultura material são as relações temporais e espaciais entre forma e conteúdo, uma relação não constante e cujo significado depende das condições sociais e culturais. Neste sentido, as perspectivas cosmológicas e funerárias abrem novas possibilidades de interpretações sobre a religiosidade pré-cristã.

Muito mais do que apenas informar novos dados aos historiadores e pesquisadores das outras ciências humanas, os estudos arqueológicos da religiosidade nórdica oferecem novos caminhos interpretativos e metodológicos, indispensáveis a todos aqueles que procuram entender melhor o papel dos mitos e crenças no mundo medieval.

⁴⁸ Nordlund escavou a fortaleza nórdica de Trelleborg em Zealand, na Dinamarca, e concluiu que se tratava de um sítio cerimonial. Mas em sua época faltavam maiores elementos comparativos, fontes escritas e pesquisas em outras regiões, levando sua investigação a ser pouco conhecida nos tempos atuais. Conforme: JORGENSEN, Lars. Norse religion and ritual sites in Scandinavia in the 6th -11th century. In: GULLØV, Hans Christian (ed.). *Northern worlds: landscapes, interactions and dynamics*. Copenhagen: National Museum, 2014, pp. 129.